

**MEMÓRIAS DE JOGADORES DO FUTEBOL BRASILEIRO –
GARRINCHA E PELÉ**

**MEMORIES OF BRASILIAN FOOTBALL PLAYERS –
GARRINCHA AND PELÉ**

Elcio Loureiro Cornelsen¹

Resumo: Este artigo visa a contribuir para o debate sobre a presença temática do futebol em obras de cunho memorialístico. Para isso, enfocará a produção biográfica e autobiográfica em torno de duas figuras de destaque do futebol brasileiro, que marcaram época no cenário desportivo nacional e mundial, e que contribuíram para a construção do mito do “país do futebol”, um mito cambiante e em permanente transformação: Garrincha e Pelé. Serão analisadas as obras *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), de Ruy Castro, e *Pelé, a autobiografia* (2008), de Edson Arantes do Nascimento. Para o desenvolvimento deste estudo, foi fundamental o trabalho com literatura subsidiária que possibilitou a fundamentação teórica adequada, sobretudo em torno dos gêneros “biografia” e “autobiografia”.

Palavras-chave: Memória; Biografia; Autobiografia; Garrincha; Pelé.

Abstract: This article aims to contribute to the debate on the theme of football in memorialistic works. To do this, this article focus on the biographical and autobiographical production around two prominent figures of Brazilian football that marked time in the national and international sports landscape, and contributing to the construction of the myth of the “country of football”, a changing myth on permanent transformation. Two works will be analyzed: Ruy Castro’s *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995; Solitary Star: a Brazilian called Garrincha) and Edson Arantes do Nascimento’s *Pelé, a autobiografia* (2008; Pelé, the Autobiography). To the development of this research, it was essential to work with subsidiary literature that was enable the proper theoretical basis, especially around the genres “biography” and “autobiography”.

Keywords: Memory; Biography; Autobiography; Garrincha; Pelé.

¹ Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin, Alemanha (1999), com Pós-Doutorado em Estudos Organizacionais pela FGV-EAESP (2005), em Teoria e História Literária pelo IEL-Unicamp (2010), e em História Comparada pelo IFCS-UFRJ (2018). Professor Associado IV da Faculdade de Letras da UFMG e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: cornesen@letras.ufmg.br

Introdução – um breve estudo sobre escritas da vida

O futebol, como um dos principais fenômenos culturais do Brasil, tornou-se ao longo do século XX objeto de interesse das mais diversas manifestações populares e artísticas, seja por questões de ordem estética, seja pela relação que o futebol estabelece com a história e a memória cultural do país. Poetas, escritores, jornalistas, pintores, arquitetos, escultores, músicos e cineastas procuraram – e têm procurado – , cada um a seu modo, prestar seu tributo a esse fenômeno, contribuindo decisivamente para a formação da identidade nacional da população em torno de uma de suas maiores paixões, culminando com o que Nelson Rodrigues denominou emblematicamente de “a pátria em chuteiras” (RODRIGUES, 1994), expressão que, nos últimos anos, tem sido questionada em sua validade frente aos processos cambiantes tanto do futebol globalizado, quanto da construção identitária da sociedade no país, perpassada também por acalorados debates políticos na atualidade.

A partir dessa perspectiva, o presente artigo visa a contribuir para o debate sobre a presença temática do futebol no âmbito da Literatura, especificamente em obras de cunho memorialístico. Para isso, enfocará a produção biográfica e, respectivamente, autobiográfica em torno de duas figuras de destaque do futebol brasileiro: Manuel Francisco dos Santos, mais conhecido como Garrincha; Edson Arantes do Nascimento, mundialmente famoso como Pelé. Sem dúvida, ambos marcaram – e ainda marcam – época no cenário desportivo nacional e mundial, e contribuíram para a construção da imagem do futebol no Brasil e do mito do “país do futebol”, um mito cambiante e em permanente transformação.

A partir das escritas da vida desses dois jogadores brasileiros, dentro do tema Memória e Futebol no Brasil, propomos um corpus de análise formado pelas seguintes

obras: *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), de Ruy Castro, e, respectivamente, *Pelé, a autobiografia* (2008), de Edson Arantes do Nascimento.²

Portanto, para a realização deste breve estudo, tornou-se fundamental o trabalho com literatura subsidiária que possibilitou a fundamentação teórica adequada, sobretudo em torno dos gêneros “biografia” e “autobiografia”, conforme apontaremos a seguir.

Escritas da vida e seus gêneros: biografia e autobiografia

Nas últimas décadas, a memória dos esportes e, especificamente, do futebol no Brasil tem recebido atenção tanto da mídia quanto da academia. Dentre outros, três projetos se destacam pela qualidade e pelo papel de suma importância que tem desempenhado para a preservação da memória do esporte brasileiro. No âmbito do esporte olímpico, há o Projeto “Memória do Esporte Olímpico Brasileiro”, cujo curador é o jornalista José Trajano: <http://memoriadoesporte.org.br/>. Tal projeto tem por meta produzir um acervo audiovisual para “resgate da trajetória do esporte nacional”. Outro projeto de destaque no âmbito olímpico, desenvolvido desde 2002, é coordenado pela pesquisadora Kátia Rubio (2014, p. 93): “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, que conta com um acervo de mais de mil entrevistas com atletas que representaram o país em Olimpíadas. Já no âmbito específico do futebol, sem dúvida, o Projeto “Futebol, Memória e Patrimônio”, coordenado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda, vinculado ao CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getulio Vargas, tem cumprido um papel significativo para a preservação da memória de ex-jogadores da Seleção Brasileira: <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>. Tal projeto visa à criação de um acervo

² Na verdade, essa obra não pode ser considerada como uma “autobiografia” em sentido estrito, pois contou com os jornalistas Orlando Duarte e Alex Bellos como seus redatores. Inclusive, foi publicada, primeiramente, em inglês, com o título *My Autobiography* (2006).

de entrevistas para o Museu do Futebol, de São Paulo, a partir de metodologia da História Oral.

Não obstante os meios de produção audiovisual, constata-se em tais projetos memorialísticos um destaque para aquele que presta testemunho de vivências no âmbito esportivo brasileiro. São relatos de atletas e demais profissionais da área, obtidos a partir de procedimentos metodológicos tanto da área de Comunicação, quanto da área de História, mais especificamente da História Oral.

Sem dúvida um tema que abrange os âmbitos da Literatura, da Memória e da História sempre oferece uma oportunidade singular e relevante para refletirmos sobre os pontos de intersecção e as especificidades de cada âmbito. De acordo com a historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado (2010, p. 34), “[t]empo, memória, espaço e História caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história”. Ambas seriam “suportes básicos” (DELGADO, 2010, p. 36) para se lidar com um determinado tempo passado.

Por sua vez, Memória e História, ao lidarem com o passado, apresentam alguns pontos de intersecção enquanto “antídotos do esquecimento” (DELGADO, 2010, p. 42). Podemos afirmar, por um lado, que a Memória se relaciona com três pontos específicos: o tempo, a história e a imaginação. Outros pontos seriam marcados por sua relação com o testemunho, com a história oral, com a imagem, entre outros, além de duas características marcantes: a ação do esquecimento e a construção da narrativa pela imaginação. Por outro lado, a História também se relaciona com três pontos específicos: o tempo, a memória e as fontes ou arquivos. Igualmente, a História também se associa ao registro oral, ao testemunho, à imagem, porém, a imaginação não é a meta, mesmo que seja um elemento intrínseco, e a construção narrativa (enunciação), muitas vezes, se estabelece por estratégias de despersonalização do sujeito que enuncia como modo de apagamento de traços de subjetividade.

Além disso, o próprio conceito de “Memória” é perpassado por múltiplos significados, conforme aponta Lucília Delgado (2010, p. 39), entre outros: “ordenação e releitura de vestígios”; “retenção de elementos inerentes a conhecimentos

adquiridos”; “estabelecimento de nexos entre o presente e as experiências vividas”; “evocação do passado através de lembranças”; “afirmação de identidades”; “atualização do passado no eterno presente”; “seleção e tensão entre o lembrar e o esquecer”; “seleção e tensão entre o narrar e o silenciar”; “evocação de utopias”; “manifestação de identidades”; “reconhecimento, ou mesmo superação, de traumas”; “reconhecimento de espaços perdidos ou reencontrados”; “reflexão sobre a experiência individual de vida”.

Nesse sentido, esperamos poder contribuir para esse debate em torno dos âmbitos da Memória e da História, a partir de um viés da Literatura, em que, por aproximação à Memória, muitas vezes, a imaginação é desejada e a subjetividade é discursivamente marcada, em que fontes podem servir de base para determinado relato memorialista, sem que isto seja, entretanto, uma prerrogativa. Isso não significa que haveria um primado de um âmbito sobre o outro, mas sim a concomitância de âmbitos legítimos no processo de se tentar lidar com o passado.

Para estudar o discurso memorialístico, tomando por base as “escritas da vida” de ex-jogadores do futebol brasileiro, alguns conceitos se tornam fundamentais. Em linhas gerais, o conceito de “biografia”, termo de origem etimológica grega, reúne em si a “escrita” (grafia) da “vida” (bio). Na escrita da vida do outro, na “biografia”, sempre é apresentada uma “história de vida”, e tal “história” dialoga tanto com a História, quanto com a Literatura. Teóricos de renome, entre eles, François Dosse (2009), procuram delimitar em suas obras as especificidades do gênero biográfico, sem, entretanto, deixar de ressaltar o caráter ficcional que, muitas vezes, perpassa tais obras. Para o teórico francês, trata-se de um “gênero híbrido” (DOSSE, 2009, p. 55) que se move entre verdade e imaginação. Neste caso, o recurso à ficção surge como algo inevitável: “Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entretecido constante de memória e olvido.” (DOSSE, 2009, p. 55) E as biografias, geralmente, apresentam alguns procedimentos comuns: a ordem cronológica; a centralização do foco no “herói da biografia”; o recurso às fontes e às testemunhas como acesso ao “verídico”; o método historiográfico de comparação e confirmação das fontes; o pacto de veracidade e a falta de acesso à “vida interior”

do biografado. Assim, haveria nesse gênero híbrido uma indistinção epistemológica entre *mimesis* e vidas imaginárias. Sem dúvida, as biografias carregam em si um sentido edificante em relação à vida e à *persona* do biografado, a partir de uma “tensão dialética entre as dimensões factual e ficcional” (DOSSE, 2009, p. 66). E outra característica é fundamental: embora não escrita a partir de uma “exterioridade total”, o narrador parece se ausentar do relato, tornando a narrativa heterodiegética (DOSSE, 2009, p. 95).

Por sua vez, o conceito de “autobiografia” assume um caráter reflexivo enquanto “escrita da vida de si”. Um de seus principais teóricos é Philippe Lejeune (2008), que centrou suas considerações em torno da noção de “pacto autobiográfico”, ou seja, uma espécie de “contrato de leitura” entre autor e leitor, sendo que autor, narrador e personagem figurariam como instâncias coincidentes (2008, p. 15). O teórico francês define “autobiografia” da seguinte forma: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Isso implica, portanto, uma abordagem das instâncias narrativas, sobretudo pelo emprego da primeira pessoa como uma de suas principais características, gerada pela identificação entre autor, narrador e personagem autobiográfico.

Portanto, a narrativa se torna um foco de suma relevância em um estudo dessa natureza. Em geral, como nos lembra Michael Pollak, narrar uma história de vida – seja a própria ou a de outrem, colhida por entrevista como um dos possíveis procedimentos metodológicos – pressupõe uma credibilidade:

Assim como uma ‘memória enquadrada’, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados. (POLLAK, 1989, p. 13)

Além disso, Pollak ressalta que as histórias de vida funcionariam também como “instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais” (POLLAK, 1989, p. 13), completa o sociólogo austríaco, “reconstrução a *posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência” (POLLAK, 1989, p. 13). Indo na mesma direção, a historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado chama à atenção para o fato de que é impossível recompor o passado em sua íntegra, e que há uma necessidade de se trabalhar com fragmentos, resíduos e documentos que formam os vestígios de um determinado tempo passado:

[...] O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos, resíduos, objetos biográficos e diferentes tipos de documentação e fontes é desafio possível de ser enfrentado. (DELGADO, 2010, p. 36)

Aqui, encontramos noções fundamentais para analisarmos as duas obras selecionadas para integrarem o corpus deste breve estudo: as ideias de reconstrução da identidade e de ordenamento da vida dentro de uma lógica de coerência, e como esses aspectos se estabelecem a partir da construção narrativa, em que se considera tanto a impossibilidade de uma reconstrução plena do passado, quanto as implicações que vestígios do passado tenham sobre o processo narrativo. Aliás, como bem ressalta Lucilia Delgado, a contribuição da Memória e da História seria desempenhar uma tarefa fundamental: “buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas” (DELGADO, 2010, p. 36).

Futebol e biografia – Estrela solitária

Falar de biografia, basicamente, implica falar sobre, pelo menos, duas instâncias – o biografado e seu biógrafo. No caso de *Estrela solitária*, estamos diante de duas instâncias muito especiais, por assim dizer, dois craques, um com a bola no pé – Garrincha, e o outro com o dom da palavra e da escrita – Ruy Castro.

Jornalista de profissão, Ruy Castro nasceu em 1948, na então capital federal. Iniciou-se nas sendas do jornalismo como repórter do *Correio da Manhã*, em uma promissora carreira que o levou a atuar em grandes veículos da imprensa em São Paulo e no Rio de Janeiro. Todavia, a partir dos anos 1990, passou a dedicar-se à produção literária propriamente dita, como biógrafo de celebridades como Carmen Miranda – *Carmen – uma biografia* (2005), Garrincha – *Estrela solitária* (1995) – e Nelson Rodrigues – *O anjo pornográfico* (1992), além de produzir obras de cunho historiográfico sobre a Bossa Nova – *Chega de saudade* (1990), o bairro carioca de Ipanema – *Ela é carioca* (1999) – e o Flamengo, time de coração – *Flamengo – o vermelho e o negro* (2004).

Por sua vez, o biografado é uma das estrelas mais radiantes no panteão do futebol brasileiro, talvez a mais brilhante de todas elas: Manoel Francisco dos Santos (1933-1983), que entraria para a história do futebol brasileiro e mundial com um apelido que remonta a um passarinho – “Garrincha”. Verdadeiro mito do futebol, o craque oriundo do município de Pau Grande, distrito de Magé, no Rio de Janeiro, foi cantado, literalmente, em verso e prosa – pensemos aqui no poema “O anjo de pernas tortas” (1962), que Vinicius de Moraes dedicou ao jogador por seu brilhante desempenho nos gramados chilenos em 1962, levando a Seleção Brasileira à conquista do bicampeonato mundial, e também na canção “O futebol” (1989), de Chico Buarque de Hollanda, em que encontramos versos como “Parafusar mais um João/na lateral”. Não podemos nos esquecer também das imagens do craque, no auge da carreira, eternizadas no documentário *Garrincha – alegria do povo* (1962), de Joaquim Pedro de Andrade.

Sua carreira como jogador profissional iniciou-se em 1953, quando chegou ao Rio de Janeiro, onde se apresentou ao Botafogo. Passou a maior parte de sua carreira em General Severiano, fazendo com que o clube da estrela solitária conquistasse títulos no período em que lá atuou (1953-1965), ao lado de outros craques como Didi

e Nilton Santos, e tornou o Maracanã o verdadeiro palco de suas magistrais atuações. Já na fase decadente, teve passagens breves por outros clubes: Corinthians (1966), Flamengo (1968), Atlético Júnior (1968) e Olaria (1981). Sua fase áurea na Seleção Brasileira (1958-1962) coincide com as campanhas vencedoras na Suécia e, respectivamente, no Chile, sendo que atuara pela Seleção em 50 jogos e assinalara, ao todo, 12 gols (KFOURI; COELHO, 2010, p. 137-139).

A biografia de Garrincha escrita por Ruy Castro é composta por 22 capítulos datados por períodos: “1865-1933: A flecha funiô”, “1933-1952: Infância em Xangri-lá”, “1952-1953: Curupira na cidade”, “1953: Os fluidos vitais”, “1954-1956: Troféus na cristaleira”, “1956-1957: Garrincha em forma de crisálida”, “1958: Chica-bon ao sol”, “1958: O Sputnik fulminado”, “1958: A vitória azul”, “1958-1959: O busca-pé Angelita”, “1959-1961: A máquina de fazer sexo”, “1962: Elza”, “1962: Pau Grande revelada”, “1963: Fogo no coração”, “1963-1964: A bruxa sobre Garrincha e Elza”, “1964-1965: O joelho agônico”, “1966-1967: Acabado”, “1968-1969: Sangue no asfalto”, “1970-1971: Guimbas romanas”, “1972-1974: Uma multidão de amor”, “1975-1977: Elza perde a luta”, e “1977-1983: Zumbi na Mangueira”. Os subtítulos são sugestivos e, de certo modo, evidenciam certo tom ficcionalizante, uma marca da obra, conforme poderemos constatar posteriormente.

Além dos capítulos indicados, a obra contém ainda o “Epílogo: A última garrafa”, e também um conjunto de paratextos: “Agradecimentos”, “Bibliografia”, “Garrincha: Obra completa”, “Crédito das ilustrações”, e “Índice remissivo”, além de um conjunto significativo de fotografias. Dentre os paratextos, aquele que se torna de grande interesse para um estudo sobre biografia é “Agradecimentos”. Nele, encontramos algumas informações sobre o processo de elaboração da obra:

Felizmente restaram muitas pessoas que conviveram com Garrincha e que se dispuseram a abrir seus arquivos e memórias para este livro. Entre eles estão advogados, amigos, cantores, dirigentes, empresários, ex-jogadores, fotógrafos, jornalistas, médicos, mulheres, namoradas, preparadores físicos, torcedores e treinadores. Foram 170 entrevistados, num total de mais de quinhentas entrevistas. (CASTRO, 1995, p. 490).

Em tal passagem, constata-se que houve um procedimento metodológico adotado por Ruy Castro para fazer sua pesquisa sobre Garrincha: a realização de entrevistas com diversos depoentes e, provavelmente, a coleta de materiais, sobretudo fotografias, que integram a obra, algumas oriundas de arquivos pessoais. Certamente, Ruy Castro não adotou uma metodologia de História Oral, com roteiro de perguntas previamente definidas. Seu trabalho memorialista parece ter se fundamentado muito mais em um aspecto principal: selecionar depoentes que dariam testemunho de Garrincha, pelo contato ou mesmo pela proximidade que tiveram com o craque do Botafogo e da Seleção Brasileira. E Ruy Castro reconhece o papel relevante de todos para a redação do livro: “Todos colaboraram com informações relevantes. A maioria submeteu-se com paciência e carinho a entrevistas minuciosas” (CASTRO, 1995, p. 490).

Em seu projeto, Ruy Castro contou não só com depoentes do universo do futebol, vários deles companheiros de Garrincha no Botafogo e na Seleção Brasileira, mas também com aqueles mais íntimos: “Outras contribuições inestimáveis foram as de amigos que forneceram textos ou fotografias, ajudaram a localizar entrevistados ou deram sugestões valiosas. Sem eles, este livro não teria sido possível” (CASTRO, 1995, p. 491).

Entretanto, embora as entrevistas tenham representado parte considerável do projeto empreendido por Ruy Castro no intuito de escrever a biografia de Garrincha, outro procedimento significativo também foi colocado em prática: a pesquisa em arquivos de periódicos: *Diários Associados* (Belo Horizonte), *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Jornal dos Sports*, e *Correio Braziliense*. Além disso, arquivos de instituições também forneceram material considerável para a pesquisa: Livraria Dantes (Rio de Janeiro), Instituto Médico Legal-RJ, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado de Alagoas, Biblioteca Nacional, e TV Cultura (São Paulo) (CASTRO, 1995, p. 492).

Além de tais informações mais pontuais sobre depoentes, todos nomeados, arquivos e instituições, os “Agradecimentos” exibem também outras duas informações

relevantes: a gestação e o patrocínio do livro, e a relação do biógrafo com o biografado. Com relação à gestação e ao patrocínio do livro, Ruy Castro assim escreve:

A gestação de *Estrela solitária* teve uma história curiosa. A idéia de fazê-lo me ocorreu em dezembro de 1992, logo depois da publicação de *O anjo pornográfico*. Sem nenhum patrocínio à vista, trabalhei nele durante todo o ano de 1993. Em janeiro de 1994, Carlos Alberto Reis, então presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e apaixonado por futebol, imaginou que adoraria ler uma biografia de Garrincha – sem saber que havia uma em andamento. Em conversa com o jornalista José Roberto Alencar (a quem devo incontáveis obrigados), meu nome foi mencionado, Alencar estabeleceu o contato que levou ao patrocínio do livro pela Bolsa – e sem o qual ele não poderia ter sido realizado. O entusiasmo de Carlos Alberto Reis pelo que viria a ser *Estrela solitária* faz com que este livro também lhe pertença. A continuidade do trabalho foi assegurada por seu assessor na presidência da Bolsa, Fernando Opitz. (CASTRO, 1995, p. 492-493)

Porém, a mais preciosa das informações ficou reservada ao último parágrafo dos “Agradecimentos”:

Esses últimos dois anos e meio em que convivi com a memória de Garrincha foram a retomada de uma admiração que começou num remoto domingo de novembro de 1958 quando o vi pela primeira vez no Maracanã, no jogo Botafogo 3x2 Flamengo. Foi quando descobri, olhando para dentro de mim mesmo, que até os mais ardentes torcedores do Flamengo também eram Garrincha de coração. (CASTRO, 1995, p. 493).

No referido parágrafo, Ruy Castro indica o período de pesquisa – dois anos e meio – e, sobretudo, narra sobre a afetividade que nutria por Garrincha desde 1958, em pleno Maracanã, justamente em uma derrota do Flamengo, time de coração do biógrafo, em partida realizada em 09 de novembro de 1958, pelo placar de 3x2, sendo que Garrincha não assinalara nenhum tento naquele jogo, mas, presume-se, que teve atuação exuberante e colaborou com a vitória do time de General Severiano.

Portanto, ao tomarmos por corpus de análise a obra *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, constatamos a presença de um conjunto paratextual que, em geral, não encontramos quando lidamos com obras autobiográficas – paratextos que dão conta da concepção do projeto biográfico e da realização da obra, além de evidenciar a relação de afetividade nutrida pelo biógrafo em relação ao biografado. Este aspecto já representa um primeiro diferencial entre biografia e autobiografia.

Por sua vez, a título de análise discursiva, selecionamos o segundo capítulo da obra *Estrela solitária*: “1933-1952: Infância em Xangri-lá”. Logo no início do capítulo, constata-se que a instância narrativa apresenta uma onisciência aparente: “Quando o menino Manuel nasceu, sua parteira, dona Leonor, foi a primeira a ver que ele tinha as pernas tortas” (CASTRO, 1995, p. 26). Não há, pois, inferências do narrador do tipo “conforme relato de”, ou “segundo consta” etc., mas sim a assertiva categórica de que, “de fato”, somente a parteira poderia ter reparado primeiro no defeito físico de Garrincha, no ato de seu nascimento. Ao mencionar que um aparelho ortopédico poderia ter sido utilizado desde cedo, para corrigir o defeito de nascença, o narrador se revela também extradiegético, ou seja, um sujeito oculto – que revela textualmente apenas em alguns paratextos –, mas que emite sua opinião e pode formular digressões, conforme a seguinte passagem do texto: “Mas quem iria pensar nisso na rua do Chiqueiro, em Pau Grande, no ano de 1933?” (CASTRO, 1995, p. 26).

Uma marca da biografia de Garrincha é o seu caráter “romanceado”, garantido por elementos ficcionalizantes. Um deles é a constituição das “personagens”, como se fossem extraídas de um romance: o narrador parece ter uma percepção geral de suas “vidas”:

O registro de nascimento de Manuel foi feito com atraso e errado. Amaro levou quase a primeira semana de novembro para ir ao cartório de Raiz da Serra e atrapalhou-se com a data do nascimento. Disse 18 de outubro quando deveria ter dito 28, que foi o dia em que Manuel nasceu: 28 de outubro de 1933. O escrivão, *coronel* Cornélio, sempre oito ou nove canas acima da humanidade, também não era muito minucioso quanto a nomes. Quando perguntou como o menino se

chamava e Amaro disse Manuel, lavrou simplesmente Manuel.
(CASTRO, 1995, p. 26-27) (grifo no original)

Outro aspecto peculiar de *Estrela solitária* é o trabalho com o tempo do narrado e com o tempo da narrativa. Basicamente, o capítulo “1933-1952: Infância em Xangri-lá”, conforme o próprio subtítulo indica, versa sobre a infância de Garrincha. Todavia, encontramos passagens como a citada a seguir, em que há o emprego de *flash forward*, o avanço na linha temporal, numa visão de conjunto da instância narrativa em relação à trajetória do jogador: “Muitos anos depois, quando Manuel já era Garrincha e trabalhava na fábrica, o chefe de sua seção, *seu* Boboco, acrescentou-lhe o Francisco numa ficha, para evitar confusões com os outros manuais dos santos da América Fabril” (CASTRO, 1995, p. 27) (grifo no original). Outra passagem que evidencia o trabalho narrativo com o tempo é a seguinte, em que a figura de Garrincha é associada à natureza:

Amaro ainda não era empregado da América Fabril – só o seria por volta de 1940. Logo, não estava sujeito ao olho do gerente no que se referia à criação de seus filhos. Com isso, nos primeiros anos, o pequeno Manuel cresceu em quase selvagem liberdade. Podia perambular horas pelas matas sem que dessem por sua falta. Mas o outro nome para liberdade é desleixo: raramente alguém lhe cortava as unhas, escovava-lhe os dentes ou o esfregava atrás das orelhas. Ninguém o mandava assoar o nariz ou pentear o cabelo. Seu cabelo era cortado em casa, de meses em meses, donde os anéis pretos e grossos que lhe desciam pelo pescoço. Mas, mesmo que deixado sozinho ao relento em noite de chuva, entregue a Tupã, Manuel teria sobrevivido. (CASTRO, 1995, p. 27)

Assim, ao ser aproximado à natureza, o menino é associado a certa ancestralidade indígena: “E, longe das vistas de sua família, já se atirara ao rio Inhomirim e saíra nadando, na companhia dos bagres e das piabas. Quando Manuel era criança, os únicos índios em que podia espalhar-se eram os das estampas do sabonete Eucalol” (CASTRO, 1995, p. 27-28). Provavelmente, o narrador se refere aqui a uma das estampas do Sabonete Eucalol, que retratava a “Primeira Missa dita no Brasil”:



(disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-718662212-estampas-do-sabonete-eucalol-primeira-missa-dita-no-brasil- JM>; acesso em: 23 ago. 2018).

Tal associação da infância de Garrincha com a natureza se torna eixo temático do capítulo “1933-1952: Infância em Xangri-lá”. Cabe ressaltar que esse universo apresentado ao leitor recebe no subtítulo o epíteto de “Xangri-lá”, numa evidente associação ao local paradisíaco fictício criado pelo escritor inglês James Hilton no romance *Lost Horizon* (1933; *Horizonte Perdido*). Se Shangri-la, do famoso romance de James Hilton, se situa na Cordilheira do Himalaya e se transforma em um refúgio espiritual distante da “civilização”, a “Xangri-lá” da infância de Garrincha, da forma como é estilizada pelo biógrafo, é esse espaço idílico aos pés da região serrana do Rio de Janeiro, em que o garoto pode viver intensamente como menino-passarinho livre, em associação com o próprio apelido:

Pequeno como uma garrincha. Quem primeiro notou a semelhança foi Rosa, que passou a chamá-lo assim. Garrincha ou garricha é como no Nordeste chamam a cambaxirra: um passarinho bobo, marrom, com o dorso listrado de preto, comedor de minúsculos insetos e aranhas. Canta bonito, mas não se adapta ao cativeiro. Pau Grande vivia cheio deles. O apelido pegou e, aos quatro anos, Manuel já era Garrincha para seus pais, irmãos, amigos e visitas. (CASTRO, 1995, p. 28)

Todavia, conforme o relato biográfico, haveria um paradoxo nessa relação do menino-passarinho com os outros pássaros – vivia em plena liberdade e impunha o cativo aos passarinhos, conforme indica a passagem a seguir: “[...] era tão eficiente com a arapuca quanto com a atiradeira. Antes dos dez anos, chegou a ter em casa trinta gaiolas com os melhores passarinhos da região” (CASTRO, 1995, p. 29). Mas as tentativas de “domesticar” o “menino-passarinho”, de acordo com o biógrafo, teriam falhado:

Aquilo serviu de alerta. Amaro e Maria Carolina deram-se conta de que tinham um filho vivendo em estado quase selvagem. Seus outros irmãos não eram ou não tinham sido assim. A partir dali, começaram a tentar civilizá-lo. Foi quando calçaram Garrincha com o seu primeiro par de sapatos, para fazer a primeira comunhão – e que ele descalçou assim que terminou a cerimônia. Foi também quando o mandaram para a escola, no começo do ano letivo de 1941. Bem, ninguém pode acusar Amaro de não ter tentado. (CASTRO, 1995, p. 34)

Em suma: diante de todos os aspectos abordados nesta seção, constata-se que a narrativa de *Estrela solitária* se constitui, predominantemente, em terceira pessoa do singular; trata-se de um narrador extradiegético, exterior à ambientação do narrado; além disso, o tratamento temporal do narrado oscila entre o pretérito da ação e digressões que remetem ao futuro; a personagem “Garrincha”, em sua infância, é apresentada pelo narrador-biógrafo como um herói “improvável”, “não domesticável”; o narrador apresenta traços de onisciência e se serve de menções e de fotografias para legitimar sua argumentação; assim, o mito em torno de Garrincha se estrutura a partir de uma série de aspectos constitutivos de sua infância: ligação à natureza, liberdade ilimitada, aversão ao trabalho e a todo fator de domesticação social etc.

Futebol e autobiografia – Pelé, a autobiografia

Maior estrela do futebol brasileiro e, para muitos, do futebol mundial de todos os tempos, Pelé (Edson Arantes do Nascimento; 1940*) ocupa o panteão formado pelos mais seletos craques do esporte bretão. Além de ter atuado por dois clubes profissionais em toda a sua carreira – o Santos Futebol Clube (1956-1974) e no New York Cosmos (1975-1977), o camisa 10 defendeu as cores da Seleção Brasileira (1957-1971) em 91 jogos, tendo assinalado 77 gols. Além disso, Pelé foi um grande colecionador de títulos e figura como o maior artilheiro de todos os tempos, tendo marcado mais de 1.000 gols, feito atingido em 1969, com um gol de pênalti assinalado contra o Clube de Regatas Vasco da Gama, em pleno Maracanã, palco maior do futebol brasileiro (KFOURI; COELHO, 2010, p. 17-19).

Além de jogador, Pelé tornou-se também empresário bem sucedido. A marca “Pelé” desfruta até hoje de reputação no mercado. Devido a seu prestígio no cenário mundial, Pelé também tem desenvolvido atividades de representação, como embaixador da FIFA ou mesmo como representante da CBF e do Ministério do Esporte.

Portanto, Pelé reúne em sua figura todos os ingredientes para despertar o interesse por sua vida e por seus inúmeros feitos. São vários os livros – biografias autorizadas e não-autorizadas – e filmes que enfocam a vida do jogador. Com relação ao nosso corpus de análise, o livro *Pelé, a autobiografia* (2006) foi escrito originalmente em inglês (*My Autobiography*; 2006) e contou com a redação do escritor e radialista britânico Alex Bellos e do jornalista Orlando Duarte. Por si só, esse aspecto desloca a questão da autoria: se a autobiografia, como bem aponta Philipp Lejeune (2008, p. 14), em termos narrativos, produziria identificação entre autor, narrador e personagem autobiográfico, o fato de o texto ter sofrido a intervenção de “redatores” implica a relativização de seu caráter autoral, pois não é possível, em termos discursivos, mensurar o nível de intervenção que Alex Bellos e Orlando Duarte procederam em relação ao texto que, originalmente, seria de autoria do próprio jogador. De qualquer modo, o principal paratexto do livro – o título *Pelé, a autobiografia* –, não obstante tal impasse, apela justamente para o “pacto autobiográfico”. Isso se torna patente em outro paratexto, o “Prefácio: Planeta futebol” (NASCIMENTO, 2006, p. 9-11), datado de maio de 2006 e assinado não com o

apelido, mas sim com seu nome – Edson Arantes do Nascimento. O último parágrafo do “Prefácio” evidencia essa intenção do autor-narrador-personagem em produzir uma escrita de si:

Espero que este livro, em que falo da minha vida, possa, em certos aspectos, servir como exemplo do que o futebol fez por mim, do que ele significa para mim. E como uma demonstração de que, se você quiser fazer sucesso, precisa saber encarar o desafio. No esporte, como na vida, existem derrotas e existem vitórias. (NASCIMENTO, 2006, p. 11)

A obra em questão é ricamente ilustrada por fotografias e é composta por 11 capítulos: “O menino de Bauru”, “O jogo maravilhoso”, “Do Santos para a Suécia”, “Alegria e dor”, “O alvo”, “Glória”, “As primeiras despedidas”, “Cosmonauta”, “Cidadão do mundo”, “Família”, e “Ícone”. A título de análise discursiva, selecionamos o capítulo “Glória” (NASCIMENTO, 2006, p. 155-189), que enfoca a carreira do jogador no período de 1966 a 1970. Logo de início, podemos constatar alguns elementos característicos de relatos autobiográficos:

Demorei algum tempo para me recuperar do desgaste de 1966, tanto física quanto mentalmente. As minhas pernas tinham levado uma surra de jogadores como Zhechev e Moraes, e para mim a violência e a falta de espírito esportivo eram tão deprimentes quanto a arbitragem medíocre que permitira que elas ficassem sem punição. A explosão emocional que tive ao dizer que não jogaria outra partida de Copa do Mundo pode ter sido uma reação ao calor da hora, mas foi bastante verdadeira naquele momento. [...] (NASCIMENTO, 2006, p. 155) (grifos nossos)

Primeiramente, constata-se a presença de uma narrativa autodiegética, em que há o predomínio da primeira pessoal do singular, inserida na própria ambientação do evento narrado. O tempo da narrativa é o pretérito, enquanto o tempo do narrado inicial é o período pós-Copa de 1966, em que a Seleção Brasileira apresentara uma campanha bem abaixo das duas edições anteriores. Assim, o momento inicial do

capítulo “Glória” é de desolação pelo desempenho pessoal na Copa de 1966, comprometido pela violência que o camisa 10 sofrera nos jogos – indicação dos zagueiros Dobromir Zhechev (1942*), da Bulgária, e de João Pedro Morais (1935-2010), de Portugal.

Ao proceder dessa maneira, o sujeito autobiográfico constrói, narrativamente, uma trajetória de superação. Enquanto o título do capítulo aponta para um futuro eufórico – “Glória”, o início é marcadamente disfórico. Todavia, tal disforia é desfeita gradativamente: primeiro, por alguns êxitos alcançados não na Seleção, mas sim no Santos, em um torneio internacional nos Estados Unidos, que reuniu também a Internazionale de Milão e o Benfica:

[...] Em 21 de agosto, enfrentamos o Benfica, a espinha dorsal da seleção portuguesa, [...] Estávamos loucos para mostrar a eles do que éramos capazes, e o público era um dos mais calorosos e participativos de que me lembro. Vencemos por 4 a 0, com um gol meu. Toda vez que marcávamos, os torcedores comemoravam de verdade: [...] (NASCIMENTO, 2006, p. 156)

Podemos constatar pelo trecho citado uma variação entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. Esse tipo de flutuação é comum em autobiografias, quando há uma passagem de uma perspectiva individual para outra em que o sujeito da enunciação se insere num grupo, como se a vivência teria sido coletiva. Isso é típico no futebol, por seu caráter coletivo – “enfrentamos”, “[e]stávamos”, “éramos”, “[v]encemos”, “marcávamos”. Em toda a passagem citada, apenas uma única vez o sujeito da enunciação se apresenta na primeira pessoa do singular, justamente com relação à memória daquela partida: “o público era um dos mais calorosos e participativos de que me lembro”.

Por sua vez, as recordações de caráter eufórico, que pavimentam a trajetória do momento disfórico da Copa de 1966 para a “Glória” de 1970, também avançam para o âmbito privado, conforme revela a passagem a seguir:

MEMÓRIAS DE JOGADORES DO FUTEBOL BRASILEIRO – GARRINCHA E PELÉ

Elcio Loureiro Cornelsen

Mas houve motivo de festa nessa época também, com o nascimento do nosso primeiro filho em janeiro de 1967. [...]

A paternidade foi uma revelação para mim e ajudou a curar o meu descontentamento com o futebol e com as pressões constantes e excursões. [...] (NASCIMENTO, 2006, p. 157)

Trata-se, aqui, do nascimento de Kelly Cristina, primeira filha de Pelé com a norte-americana Rosemari, com quem casara em 1966. Assim, o relato autobiográfico se adensa, ao permitir a construção do autor-narrador-personagem em suas facetas como personalidade do futebol e, ao mesmo tempo, como homem casado e pai, que cultivava a vida em família.

Entretanto, esse não é o único momento em que ocorre tal adensamento. Logo a seguir, o sujeito da enunciação se reporta a um fato que, segundo ele, teria sido significativo em sua vida: “Um outro acontecimento que me faria reconsiderar meu senso de identidade e lugar no mundo se deu alguns meses depois, quando viajei pela primeira vez para a África. [...]” (NASCIMENTO, 2006, p. 157). Assim, a excursão realizada pelo Santos a países como o Senegal, o Gabão, o Congo e a Costa do Marfim deram ensejo a reflexões sobre a condição identitária de negro: “Foi uma experiência que mudou a minha visão de mundo, mas também como o mundo me via” (NASCIMENTO, 2006, p. 158). Neste ponto da narrativa, insere-se uma digressão, a qual suspende o tempo do pretérito e o substitui pelo tempo presente:

Sendo um negro de origem brasileira, descendo, claro, de africanos trazidos ao país como escravos. A escravidão não está muito distante no passado – sou apenas da terceira geração que nasceu livre na minha família. A minha avó Ambrosina, que morreu aos 97 anos de idade em 1976, foi da primeira geração – os pais dela eram escravos. No Brasil, como se sabe, a escravidão só foi abolida em 1888, o último país das Américas a banir essa prática maligna. (NASCIMENTO, 2006, p. 158)

Dessa forma, o sujeito da enunciação insere o tema da escravidão em seu relato. Todavia, propõe um argumento *sui generis* para avaliar sua própria situação

frente ao racismo: “[...] É claro que existe racismo no Brasil, mas tive a sorte de ficar famoso e rico ainda jovem, e as pessoas tratam você de maneira diferente quando você tem dinheiro e é uma celebridade. É quase como uma raça à parte – nem negra nem branca: famosa” (NASCIMENTO, 2006, p. 159).

Todavia, o tom disfórico do início do capítulo “Glória” vai dando lugar a uma nova postura frente ao relato memorialista, em que os anos vindouros se apresentariam com eufóricos tanto na vida privada, quanto no ambiente do futebol: “Enquanto a lembrança das decepções de 1966 ia ficando cada vez menos viva e eu desfrutava cada vez mais da vida em família, o Santos também entrou numa nova época de ouro” (NASCIMENTO, 2006, p. 161).

Sem dúvida, o maior destaque recai sobre o desempenho na Copa de 1970 e a conquista do tricampeonato mundial. O “quase gol” contra a Tchecoslováquia, definido como “uma pequena obra prima” (NASCIMENTO, 2006, p. 179), o “quase gol” na famosa cabeçada defendida pelo goleiro inglês Gordon Banks, “uma defesa fenomenal, a defesa daquele torneio e de quantos torneios se quiser mencionar” (NASCIMENTO, 2006, p. 181), a “vingança” contra a Celeste Olímpica, “o que mais importava era derrotar os uruguaios” (NASCIMENTO, 2006, p. 183), o “quase gol” contra a Seleção do Uruguai, “teria sido um lance muito mais bonito se a bola tivesse entrado” (NASCIMENTO, 2006, p. 185) – em todos esses lances e partidas decisivas, o sujeito da enunciação destaca seu protagonismo.

Por fim, a conquista do tricampeonato recebe contornos vivos no relato “autobiográfico”, entretanto, sem que haja qualquer digressão que pudesse expressar uma reflexão sobre a relação entre o futebol brasileiro e o contexto político da época:

Então *voltamos* ao campo para receber a taça Jules Rimet do presidente do México – como era a terceira vez que a *conquistávamos*, ela agora seria nossa para sempre. A intensidade da emoção quando Carlos Alberto ergueu o troféu acima da cabeça, com lágrimas de felicidade nos olhos, foi diferente de tudo o que *eu havia sentido* em minha vida, a não ser, talvez, quando vi Bellini fazer o mesmo gesto em 1958. Mas agora *eu tinha* plena compreensão do que aquilo significava, do que significaria para o povo do nosso país. *Eu tinha disputado* todas as partidas, *passado* por tudo ileso, o que *me deu a*

Nota-se, na citação acima, que repete-se uma variação entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, presente em outras passagens do capítulo “Glória”, entre o sujeito enquanto indivíduo e o sujeito enquanto instância coletiva da conquista.

Portanto, em nossa análise discursiva, constatamos que a narrativa se constitui a partir de uma variação entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural (narrador autodiegético). O tempo da narrativa é, predominantemente, o pretérito, enquanto o tempo do narrado se delimita entre os anos de 1967 e 1970. Além disso, o estado inicial do narrador é de desânimo frente ao fracasso na Copa de 1966. Na narrativa, o tema da identidade se insere no contexto das excursões do Santos à África, e algumas estações da carreira de Pelé aparecem no texto, da memória disfórica à eufórica: os reflexos da derrota de 1966; os triunfos com o Santos nos anos seguintes; o retorno à Seleção Brasileira; o protagonismo nas partidas da Copa de 1970; as lembranças de lances memoráveis; a conquista do tricampeonato mundial.

Escritas da vida de dois craques do futebol brasileiro – entre fato e ficção

Este breve estudo nos permitiu aferir a validade de alguns conceitos caros aos estudos da relação entre História e Memória e, em especial, entre biografia e autobiografia. A biografia *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), de Ruy Castro, revelou-se como um “gênero híbrido” (DOSSE, 2009, p. 55), conforme propõe o teórico francês François Dosse, uma vez que se move entre verdade e imaginação. Não obstante todo o trabalho de pesquisa e de coleta de materiais e de entrevistas, empreendido pelo biógrafo, este, de maneira textualmente evidente, apela

à imaginação para construir uma narrativa que “suture” as lacunas e os lapsos temporais não preenchidos pelos materiais de base documental.

Sendo assim, enquanto “gênero híbrido”, a biografia de Garrincha imporia uma indistinção epistemológica entre *mimesis* e vida imaginária. Por um lado, o recurso às fontes e às testemunhas permitiria o acesso ao “verídico” na vida do craque brasileiro, bem como o método historiográfico de comparação e confirmação das fontes produziria um pacto de veracidade e de credibilidade. Por outro, no caso específico de *Estrela solitária*, devido a certas marcas de onisciência do narrador, algo não tão comum em biografias, pois, em geral, não haveria acesso à “vida interior” do biografado, a “vida imaginária” parece ganhar contornos bem nítidos.

Por sua vez, a obra *Pelé, a autobiografia* (2006) contém algo *sui generis* para esse gênero textual: o fato de ter contado com a atuação de “redatores”, os jornalistas Alex Bellos e Orlando Duarte, deslocaria a questão da autoria atribuída ao próprio Pelé. Diferindo de *Estrela solitária*, que conta com um aparato paratextual em que seu autor dá conta de procedimentos de pesquisa e de investigação documental para fundamentar sua versão da vida de Garrincha, não encontramos em *Pelé, a autobiografia* algo semelhante. Portanto, não temos como aferir o grau de intervenção com que os jornalistas atuaram em relação ao texto, nem como saber se adotaram procedimentos metodológicos específicos – acesso a documentação de arquivos e pessoais, entrevistas com o “autobiografado”, correções textuais e de estilo etc. Tal fato contraria, aliás, a afirmativa de Philipp Lejeune (2008, p. 14), de que, em termos narrativos, o relato autobiográfico produziria identificação entre autor, narrador e personagem, pois tal identificação seria perpassada também por possível intervenção de terceiros no processo de enunciação de uma narrativa autobiográfica.

Mesmo assim, não podemos negar a força que a obra *Pelé, a autobiografia* produz em termos de estabelecer com o leitor um “pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2008, p. 15), ou seja, um “contrato de leitura” entre autor e leitor, sendo que autor, narrador e personagem coincidiriam, uma vez que o conceito de “autobiografia” possui um caráter reflexivo enquanto “escrita da vida de si”, que pressupõe uma credibilidade, de “uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados” (POLLAK, 1989, p. 13).

Por fim, cabe ressaltar que as escritas da vida – de si e de outro –, conforme nos lembra Michael Pollak, configuram-se como “reconstrução a *posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência” (POLLAK, 1989, p. 13). Não são, pois, meramente relatos factuais, mas também instrumentos de reconstrução de identidade, no nosso caso, de duas figuras que já assumiram o status de mitos do futebol brasileiro e mundial: mitos no sentido de suas vidas serem “contatas” e “decantadas”, “ilustradas” e “filmadas” de maneira recorrente, cristalizando suas imagens e as imaginações de si em instâncias míticas. Seja o “menino-passarinho livre” da biografia idealizada por Ruy Castro como “vida imaginada” de Garrincha, seja a “autobiografia gloriosa” do “Rei do Futebol”, de próprio punho do craque ou mesmo parcialmente partilhada com os “redatores”, ambas são construtos que, através de procedimentos memorialísticos e historiográficos, lançam luz ao passado e, sobretudo, atualizam vidas para o presente e a eternidade.

Referências

CASTRO, Ruy. Agradecimentos. In: CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 489-493.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza, São Paulo: Edusp, 2009.

KFOURI, Andre; COELHO, Paulo V. Garrincha. In: KFOURI, Andre; COELHO, Paulo V. **Os 100 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos**. Rio de Janeiro: ESPN/Pocket Ouro, 2010, p. 137-139.

KFOURI, Andre; COELHO, Paulo V. Pelé. In: KFOURI, Andre; COELHO, Paulo V. **Os 100 melhores jogadores brasileiros de todos os tempos**. Rio de Janeiro: ESPN/Pocket Ouro, 2010, p. 17-19.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé, a autobiografia**. red. Orlando Duarte e Alex Bellos, trad. Henrique Amat Rêgo Monteiro, Rio de Janeiro: Sextante, 2006. (título original: **My Autobiography**; 2006)

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 2-15, 1989.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RUBIO, Katia. A experiência da pesquisa 'Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros'. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 93-105, jul./dez. 2014. Disponível online em: <file:///C:/Users/Elcio%20Cornelsen/Downloads/442-460-1-PB.pdf>; acesso em: 26 jul. 2016.

Artigo recebido em 23/08/2018

Artigo aceito em 08/11/2018